

Outubro. Segundo Domingo: a documentação do Círio de Nazaré através da colaboração¹

Lanna Paula Ramos da SILVA²

Mariana Pereira da SILVA³

Otacílio Amaral FILHO⁴

Universidade Federal do Pará, Belém, PA

Resumo

Este artigo analisa as produções documentais colaborativas. Para tanto, são realizados apontamentos sobre as características de documentário e seus gêneros (RAMOS, 2000 e NICHOLS, 2005), destacando a interatividade (LEVIN, 2015) como marca característica da convergência midiática (JENKIS, 2009) que garante ao gênero de documentário colaborativo (CADÉ, 2014) novas potencialidades. O objeto utilizado para perceber essas questões foi o documentário colaborativo *Outubro. Segundo Domingo*, da TV Cultura do Pará.

Palavras-chave: Círio; Documentário colaborativo; Internet

Introdução

O presente artigo foi desenvolvido como parte avaliativa da disciplina Documentário em vídeo publicitário e jornalístico ministrada pelo Prof. Dr. Otacílio Amaral para a turma de Comunicação Social da Universidade Federal do Pará. A partir de textos e discussões em sala, travados entre professor e alunos, um dos questionamentos que despertou as reflexões dos autores desse trabalho, foi sobre as produções documentais colaborativas. Diante disso, realizou-se pesquisas de objetos que pudessem ser observadas questões competentes a esse gênero de documentário.

A obra escolhida foi o primeiro documentário colaborativo sobre o Círio de Nossa Senhora de Nazaré, produzido pela TV Cultura do Estado do Pará. O documentário contou com a captação de imagens a partir da colaboração do público da TV Cultura que participaram da procissão do Círio. Os objetivos e estratégias de concepção do

¹Trabalho desenvolvido como requisito avaliativo da disciplina Documentário em vídeo publicitário e jornalístico ministrada pelo Profº Drº Otacílio Amaral.

²Graduanda do 6º semestre no curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal do Pará.
Email: lannapaular@gmail.com

³Graduanda do 6º semestre no curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal do Pará.
Email: mariana.silva78@live.com

⁴Professor Doutor do Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia (PPGCom) e da Faculdade de Comunicação (FACOM) da Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: otacilioamaralfilho@gmail.com

documentário, intitulado “Outubro. Segundo Domingo”, possibilitou a análise presente nesse trabalho sobre o gênero de documentário colaborativo.

Para isso uma pesquisa bibliográfica foi desenvolvida garantindo o aprofundamento dos conhecimentos sobre documentários, seus gêneros e como as novas tecnologias potencializam o gênero colaborativo. Como base teórica, utilizamos os autores Fernão Pessoa RAMOS (2000), Bill NICHOLS (2005), Henry JENKINS (2009), Tatiana LEVIN (2015) e Charles CADÉ (2014).

Documentário

Diversas discussões a respeito da construção de um conceito estruturado do gênero documentário permeiam os estudos de cinema desde o surgimento desse modo fílmico. Porém, não há consenso que estabeleça todas as características necessárias que definam de fato o que é documentário. Para Fernão Pessoa Ramos (2000) estabelecer padrões acerca do gênero é limitar a possibilidade de constante mudança e deslocamento da inventividade do fazer cinema.

Entre todos os debates acerca do tema a característica comum aos autores é considerar os documentários como recortes da realidade. Essa realidade se constrói através do registro de fatos históricos ou cotidianos, um registro da vida ou um personagem. Nesse contexto, a realidade mostrada pela película é montada desde sua produção até a finalização. O objetivo desse gênero cinematográfico é aproximar-se o máximo possível da veracidade, de modo que a interferência dos realizadores seja mínima. De acordo com Fernão Ramos é necessário seguir algumas características na hora de representar os fragmentos do real, segundo ele a definição de documentário parte da representação do mundo, desse modo o documentarista cria a representação de uma dada realidade, através de sua capacidade de reflexividade sendo esta indispensável na criação de uma representação:

[...]o recuo reflexivo é o ponto cego ideológico da ideologia contemporânea. É o ponto cego onde a ideologia da ética contemporânea não consegue ver-se enquanto tal. Em outras palavras: é ético mostrar o processo de representação; não é ético construir a representação para sustentar a opinião correta (como defendiam Grierson, ou Eisenstein, em um outro parâmetro). (RAMOS, 2000. p.3)

Não há documentário sem a interferência do cineasta no tema em questão, pois é necessário optar por uma forma de execução do projeto. Nesse caso, pode haver a

intervenção por meio da ficção dentro do cinema tido como cinema verdade, da mesma forma é possível observar essa interferência em filmes que apresentam acontecimentos não factuais.

Como exemplo de produções que mesclam a ficção com acontecimentos reais encontra-se o longa-metragem paraense *A descoberta da Amazônia pelos Turcos Encantados* que conta a história de povos amazônidas e sua relação com a expressão cultural Tambor de Mina, que reporta a saga dos escravos trazidos de Ganasegundo Verger (1987, p.12) mais especificamente da Fortaleza do Castelo de São Jorge de Mina na África Ocidental. A direção e o roteiro do filme são assinados pelo cineasta paraense Luiz Arnaldo Campos. Misturando a narração através de entrevistas e a representação através da atuação foram escolhidos como atores indígenas da região e descendentes quilombolas como forma de afirmar a identidade amazônica e dar veracidade à filmagem.

Nichols (2005) em seu livro “Introdução ao documentário” apresenta uma tipologia de documentários, o autor classifica seis subgêneros sendo eles: poético, expositivo, participativo, observativo, reflexivo e pragmático. Apesar de definir as produções documentárias em alguma dessas características, normalmente os documentários não se enquadram em apenas um subgênero. Em geral os filmes possuem uma característica destacável, essa individualidade vai definir a linguagem principal empregada na película.

No cinema, as vozes individuais prestam-se a uma teoria do gênero. O estudo dos gêneros leva em consideração os traços característicos dos vários grupos de cineastas e filmes. No vídeo e no filme documentário, podemos identificar seis modos de representação que funcionam como subgênero do gênero documentário propriamente dito: poético, expositivo, participativo, observativo, reflexivo e performático. (NICHOLS, 2005. p. 135).

Os documentários poéticos preocupam-se em evidenciar a questão estética da filmagem. Ambiente e atores sociais ganham o mesmo espaço nessa construção fílmica, a montagem das imagens falam por si só e raramente encontramos a presença de narradores ou entrevistas. O filme americano *Koyaanisqatsi*(1982) dirigido por Godfrey Reggio busca mostrar a complexa relação entre os seres humanos, a natureza e a tecnologia, com cerca de 80 minutos e mesclando tomadas aéreas e em solo a narrativa se constrói por si mesma, apenas imagem e trilha sonora contemplam o objetivo do filme.

O modo expositivo tem como atributo principal a presença de um narrador em voz *off*responsável por explicar o fato exposto no filme, geralmente um acontecimento histórico

de maneira direta e argumentativa sendo acompanhado por imagens que legitimam sua fala, esse tipo de narração ganhou o nome de *voz de Deus*⁵. O curta paraense *Fotodramas* (2013) produzido pelo Coletivo Quadro usa a técnica para construir e desconstruir conceitos que rodeiam a sociedade, para isso o narrador acompanha imagens do cotidiano da cidade de Belém enquanto discutem o que é o real.

Ao contrário do modo expositivo e sua necessidade de possuir um narrador, o documentário observativo procura aproximar-se da realidade para mostra-la de forma fiel, dessa forma o filme realiza seu registro sem a interferência dos documentaristas ou da equipe, a câmera tem pouca dinâmica e os entrevistados ganham o destaque nessas produções. O diretor paraense Alan Kardek assina o longa-metragem *Belém aos 80*, onde resgata a história cultural da cidade de Belém na década considerada como década perdida, para isso o diretor mostra apenas os entrevistados, grandes poetas e fotógrafos no cenário paraense, falando sobre suas experiências durante esse período.

Mostrando a participação do documentarista e sua equipe, o modelo participativo de fazer documentário apresenta como se estabelece o contato entre o público que o assiste e o cineasta realizador, de modo que se possa ver a relação da equipe de filmagem e os entrevistados, dando certa ênfase ao trabalho da equipe.

Guardando certa semelhança com o modo participativo, os documentários reflexivos, além de mostrar quem está por traz da produção, nesse tipo de filme é evidenciado a reação do foco de pesquisa ao se deparar com o cineasta, quais suas reações ao encontrar-se diante da câmera.

Eduardo Coutinho, cineasta brasileiro, foi um dos pioneiros no Brasil a utilizar os modelos acima em suas produções. Em seu filme *A família de Elizabeth Teixeira* o modelo reflexivo se destaca as filmagens acompanham o diretor no momento em que o contato com os atores sociais é estabelecido, mostrando de forma entrevistado e entrevistador se modificam através da conversa estabelecida.

A forma performática de documentário é desprendida de quaisquer técnicas específicas de filmagem, roteiro ou qualquer padrão estético definidor. No Pará o coletivo “QUALQUER COLETIVO” produziu em 2010 o projeto *Jamcine* com a proposta de ser um filme experimental misturando performance e vídeo, em diversos pontos da cidade de Belém.

⁵Nichols, 2005.

Apesar de existir categorias estéticas que possam identificar os documentários, assim como o conhecimento esses moldes se constroem e desconstroem de acordo com a visão de seus realizadores e com o surgimento de novos meios técnicos, em especial a internet. Junto a facilidade de compartilhar conteúdo nas redes surgem os documentários colaborativos, foco da análise dessa pesquisa.

Documentário Colaborativo

Os documentários colaborativos ganham destaque em meio aos avanços proporcionados pelas novas tecnologias. O espaço digital acaba se configurando como um campo fértil, onde as experiências de colaboração podem render conteúdos com múltiplas abordagens, estruturas e visões. As redes digitais, como tecnologias presentes na atual convergência midiática defendida por Henry Jenkins, têm como uma forte marca a interatividade proporcionada aos seus usuários. Sobre a convergência midiática, Jenkins (2009) declara:

A convergência altera a relação entre tecnologias existentes, indústrias, mercados, gêneros e públicos. [...] Não haverá uma caixa preta que controlará o fluxo midiático para dentro de nossas casas. Graças à proliferação de canais e à portabilidade das novas tecnologias de informática e telecomunicações, estamos entrando numa era em que haverá mídias em todos os lugares. (JENKINS, 2009, p. 43).

Essa interatividade, garantida pelas redes acabou também afetando a forma de produzir a documentação audiovisual. Se antes a interatividade se refletia apenas no assistir do público, atualmente os documentários já podem se valer de construções colaborativas de fato, em que o usuário passa a atuar mais efetivamente na forma de construir o produto. Contribuições como opiniões sobre os conteúdos a serem tratados, direcionamentos nas abordagens ou mesmo a produção audiovisual partindo de sua realidade, “caseira”, garantem uma interatividade mais ativa que configura os chamados documentários interativos. Sobre essas questões a pesquisadora Tatiana Levin (2015) declara:

O documentário interativo designa uma mudança estética ao organizar o conteúdo em níveis de interatividade a estabelecer funções para o espectador-usuário dentro de diferentes possibilidades de participação [...] Sua participação pode dar-se em uma interatividade qualificada como reativa, quando o que se faz é clicar e fazer avançar o conteúdo, ou em um nível mais sofisticado, quando

ele adiciona material como comentador ou criador, a ser moderado por vezes por um autor a exercer o papel de curador do material adicionado. (LEVIN, 2015, p. 02-03).

Diante disso, os autores Gye e Weinstein (2011) categorizam os documentários interativos em quatro tipos: os “*Closed Multimedia Documentary*” chamados “Documentários Fechados Multimídia” que são construídos de forma não-linear; “*Database Documentary*” ou “Documentário Banco de Dados” seriam aqueles produzidos de forma semelhante aos “*Closed Multimedia*” mas que captam imagens de um repositório; “*Comunal Multimedia Documentary*” ou “Documentário Comunitário Multimídia” que trabalha a documentação em torno de uma comunidade envolvida que discute as etapas de produção, mas que, no entanto, são direcionados por um líder; e o “*Collaborative*” ou “Colaborativo”, foco deste trabalho, que busca a participação dos telespectadores para a produção de conteúdo do documentário causando, então, influência no resultado final do produto.

Essas categorizações sobre os documentários interativos auxiliam na compreensão dos níveis interativos adotados. Todavia é necessária atenção com relação a essas questões, visto que o termo interatividade possui interpretações de acordo com cada autor. A interatividade pode ser tomada por um simples contato com a obra através de plataformas de reprodução ou divulgação, até ao nível de interferência direta na construção do projeto.

No caso dos documentários colaborativos, essa interatividade que é semelhante a colaboração no processo documental ganha um amplitude também.

Aqui, o conceito de colaboração abarca uma amplitude considerável. O usuário não é apenas quem auxilia de alguma maneira a realização de uma obra artística. Seu envolvimento no sentido de responder a ela, reverberar, também é definido como colaboração. [...]. O termo representa o ato de dividir alguma coisa com alguém, auxiliar o desenvolvimento de um projeto. (CADÉ, 2014, p. 23).

Partindo dessas argumentações podemos observar que os documentários colaborativos podem envolver seus telespectadores de diversas maneiras. Assim como os documentários interativos podem possuir diferentes maneiras de interação com o público, os documentários colaborativos também podem ser observados em categorias. Em sua dissertação Charles Cadé (2014) utiliza as classificações de Mandy Rose (2011) acerca dos documentários colaborativos. Estes seriam de quatro tipos: “*The Creative Crowd* (Multidão Criativa); *The Participant Observers* (Observadores Participantes); *The Traces of the*

Multitude (Traços da Multidão) e *Community of Purpose* (Comunidade em torno de um propósito)”. (Rose, 2011 Apud Cadé, 2014, p. 25).

Os tipos “Multidão Criativa”, “Traços da Multidão” e “Comunidade em torno de um propósito” baseiam-se na colaboração externa através de pequenos fragmentos produzidos de forma descentralizada, sem indicações prévias. Esses fragmentos podem ser adicionados ao conteúdo pelo público constantemente por plataformas de cooperação ou são coletados pela equipe de produção do documentário nas redes sociais.

O tipo *The Participation Observers* se diferencia desses por contar com a colaboração, mas esta possui direcionamentos repassados aos colaboradores previamente. Geralmente, esses direcionamentos são dados por conta da temática de documentação. A partir dessas orientações prévias aos colaboradores os produtores da obra buscam diferentes visões da temática a ser abordada. Esse tipo de documentário permite ao telespectador-colaborador mostrar a visão que ele possui sobre determinado tema. Baseando-se nessas colocações acerca de documentários colaborativos, o objeto de análise escolhido para este trabalho foi o projeto *Círio.Doc*, da TV Cultura do Pará.

Projeto *Círio.Doc*: Outubro. Segundo Domingo

A TV Cultura possui características híbridas de uma TV pública e estatal. Mesmo sendo administrada pela Fundação Padre Anchieta – sua proposta é levar cidadania à sociedade provendo conteúdos culturais, informacionais, educacionais e esportivos – a TV recebe recursos do Governo do Estado de São Paulo (DINIS, 2003). Porém a Fundação dispõe de autonomia na criação de seus conteúdos.

A TV Cultura do Pará, além de ser uma retransmissora de alguns conteúdos de sua sede em São Paulo, possui uma programação diversificada, valorizando a cultura local com programas musicais, teatrais e de entrevistas.

Nesse contexto foi criado o projeto *Círio.Doc*, seu objetivo foi documentar o *Círio* de Nazaré através do olhar dos participantes da festa religiosa. O projeto foi inspirado no documentário colaborativo *Life in a Day*⁶ (A Vida em um Dia) de 2011 que contou com a produção do cineasta inglês Ridley Scott (diretor de filmes como *Blade Runner – O Caçador de Andróides*, 1982) e com a direção de Kevin Macdonald.

A inspiração em *A Vida em um Dia* não foi por acaso. Este documentário é um dos mais conhecidos e foi um dos primeiros desse tipo. O longa-metragem partiu da ideia de

⁶*Life in a Day*”. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=JaFVr_cJJIY.

contar o que acontecia na vida particular das pessoas ao redor do Planeta Terra. Qualquer indivíduo, mesmo sem conhecimento técnico de filmagem poderia enviar suas gravações. O documentário contou com a participação da empresa *Youtube*, plataforma de compartilhamento *online* de vídeos, que serviu como local de recebimento do material. Os direcionamentos para envio dos vídeos eram simples: a pessoa que quisesse colaborar deveriam gravar momentos da sua vida particular acontecidos no dia 24 de julho de 2010 (Sábado).

O documentário *A vida em um Dia* deu o pontapé inicial para inúmeras produções seguindo os direcionamentos de captação de imagens em um dia específico. Foram feitas versões de *Life in a Day* contando um dia em países, como Japão e Inglaterra.

Seguindo essa perspectiva de narrar um dia através de visões diferenciadas o projeto *Círio.Doc* foi planejado. No entanto, diferentemente do documentário de Ridley Scott, a equipe do projeto optou pelo dia do Círio de Nossa Senhora de Nazaré que acontece sempre no segundo domingo de outubro para guiar a narrativa. Data que nomeou a obra final do projeto, chamada “*Outubro. Segundo Domingo*”.

Considerado pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico (IPHAN) um Patrimônio Cultural de Natureza Imaterial, o Círio de Nazaré é a maior festa religiosa do Brasil e ocorre na cidade de Belém – PA. A procissão reúne todos os anos cerca de dois milhões de fiéis - entre nativos da capital e interiores, turistas de diversas partes do Brasil e estrangeiros - percorre as ruas do centro da cidade de Belém e movimenta a cidade durante todo o mês de outubro.

Como já explicitado neste trabalho, a internet é um lugar de comunicação e informação na sociedade atual dinamiza diversos processos nas redes e fora delas. E no que se refere aos processos de documentação isso não é diferente. Pesquisadores da temática de documentários concordam que documentar é produzir obras com recortes da realidade e no ambiente virtual isso ganha novos contornos através dos documentários colaborativos como o projeto *Círio.Doc*. Os recortes da realidade que antes eram fragmentos pensados e produzidos pela equipe dos projetos agora são ampliados com a participação de colaboradores, de acordo com a temática escolhida para a documentação.

No caso do documentário colaborativo *Outubro. Segundo Domingo* foi lançada uma campanha em 02 de outubro de 2015, denominada projeto *Círio.Doc*, que daria origem ao primeiro filme colaborativo sobre o Círio de Nazaré. Para isso a TV Cultura do Pará anunciou o projeto através de seu canal na televisão, portal online e redes sociais. A

captação das imagens deveria ser feita no domingo do Círio, que em 2015, foi no dia 11 de outubro.

Nesse tipo de captação de material é preciso criar uma relação de afeto com o público. Esses laços criaram a partir do projeto Círio.Doc, a partir dessas ideias as pessoas foram motivadas pela força das tradições que envolvem a manifestação religiosa na capital paraense. Os materiais coletados buscam aproximar quem não conhece a procissão a partir de memórias e experiências vivenciadas pelos frequentadores da manifestação religiosa. Ampliar a realidade é uma das características dos documentários colaborativos. Essas características podem ser observadas através da declaração da jornalista produtora do projeto Larissa Bezerra:

Pode ser o almoço em família, o encontro de amigos, o trabalho voluntário, a passagem da imagem de Nossa Senhora. Queremos que as pessoas gravem o que as emociona. Pode ser uma pessoa, um lugar, um objeto. Ou até mesmo a história de alguém que todo mundo deveria conhecer. (Entrevista Larissa Bezerra disponível em <<http://www.portalcultura.com.br/node/46171>>)

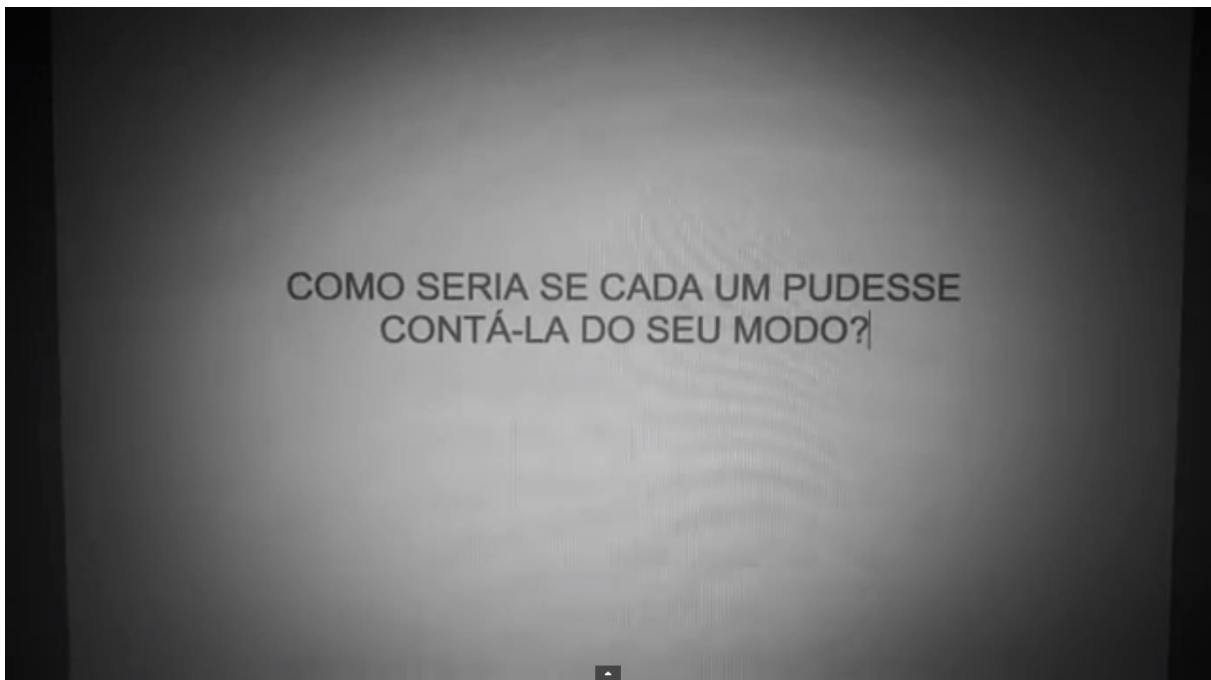


Figura 01: Pergunta que inicia o documentário “Outubro. Segundo Domingo” e demonstra o objetivo do projeto Círio. Doc da TV Cultura do Pará.

De acordo com seus objetivos, a equipe do projeto possuía um público amplo, visto que o Círio de Nazaré é uma das datas mais significativas para os paraenses. O Círio movimenta não somente católicos devotos de Nossa Senhora, mas a população do Estado como um todo, por possuir também aspectos culturais e econômicos envolvidos nessa data

específica. Também, turistas de diversas partes do Brasil e do Mundo chegam a cidade para conhecer “O Natal dos Paraenses”. Tendo isso em perspectiva, a TV Cultura atuou com dois modos de engajar e captar as imagens produzidas sobre o Círio de Nazaré.

Foram disponibilizadas duas formas de envio desses materiais: publicação de vídeos nas redes sociais e marcando-os com a *hashtag* #MeuCirioEAssim ou carregando o material no site do projeto (<http://ciriiodoc.com.br>⁷). Nessa coleta de material os participantes do projeto receberam orientações prévias, traço característico de produções onde os colaboradores são chamados de *The Participant Observers* (Observadores Participantes). No modo Observador Participante, em geral, os realizadores oferecem uma plataforma para que os colaboradores possam enviar seu material coletado, no objeto estudado por esse artigo o envio de imagens diretamente para o projeto foi feito por intermédio do site do projeto.

Os observadores participantes não precisam ter conhecimento de técnicas de filmagem cinematográfica, é necessário apenas que mostrem sua realidade sobre os fatos através da captação de imagens. Apesar disso, alunos participantes do projeto buscaram por instruções mais específicas para a melhor qualidade de seus vídeos.

“Eu vi pela internet a proposta. A universidade se mobilizou e nós criamos um grupo de estudantes, para o qual a TV Cultura deu uma palestra sobre o que seria legal a gente gravar. Eu peguei a câmera e a partir daí eu olhava diretamente através dela. Eu filmei tudo o que eu vi, eu registrei praticamente tudo do Círio, de meia noite a meia noite.” (Entrevista David Santos disponível em <<http://www.portalcultura.com.br/node/46484>>)

⁷O site se tornou inativo após a conclusão do projeto.

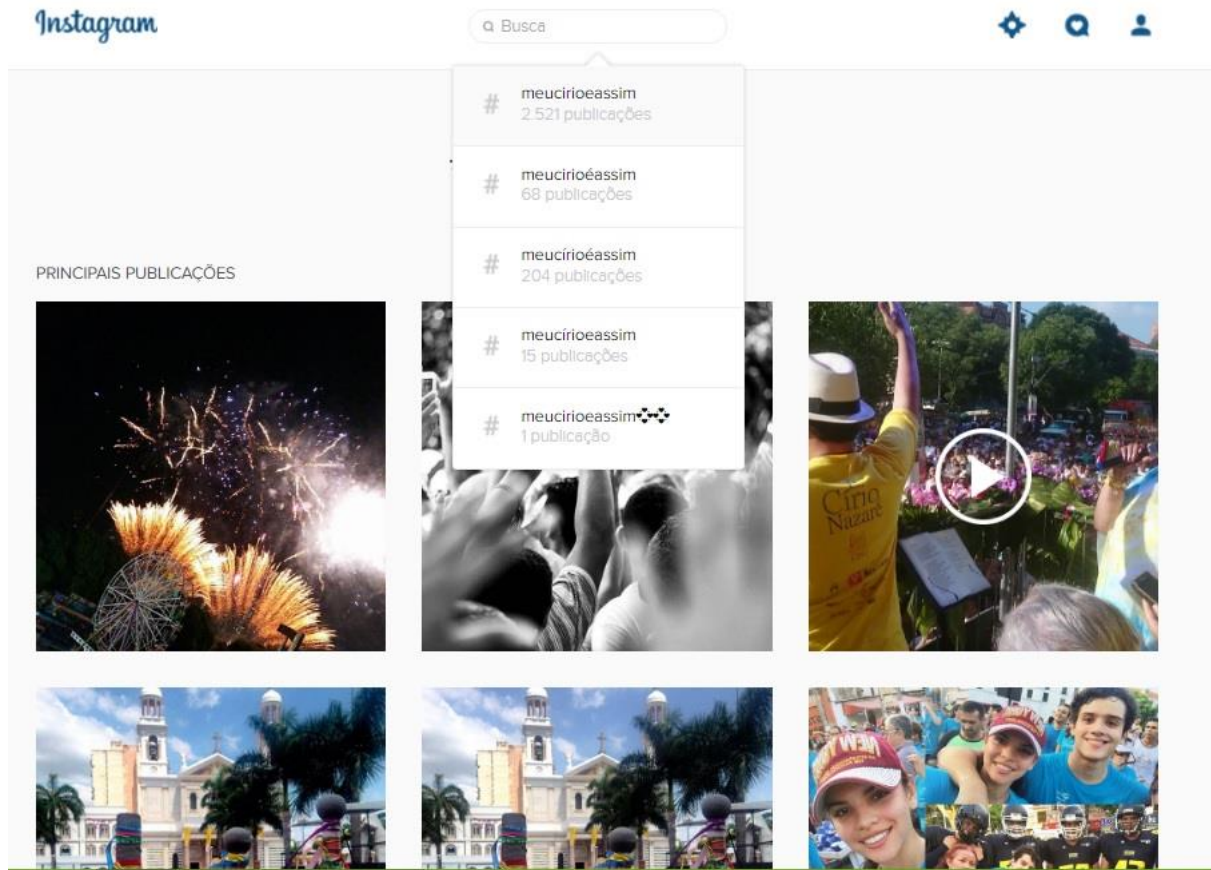


Figura 02: Exemplo de engajamento da tag #MeuCirioEAssim na rede social *Instagram*.

Além de fazer o upload do vídeo no site, sabendo ou não da produção do documentário, qualquer pessoa que postasse em suas redes sociais fotos e vídeos com a *hashtag* #MeuCirioEAssim poderia ter seu conteúdo analisado para entrar no documentário. Coletar material diverso nas redes sobre o assunto pesquisado é a característica principal de documentários colaborativos classificados como *The Traces of the Multitude* (Traços da multidão).

“Todas as pessoas que usarem a tag #meucirioeassim e subirem seus vídeos em redes sociais entrarão na lista de materiais considerados para a realização do documentário. A ideia é contar a festa em seus aspectos culturais, de fé e de como esse dia é vivido por cada personagem [...] Quem não está em Belém e quem não acompanha a procissão ou não tem atividades relacionadas a essa manifestação religiosa e cultural também pode participar. O documentário busca entender e mostrar os aspectos mais diversos desse dia”. (Entrevista Larissa Ribeiro disponível em <<http://www.portalcultura.com.br/node/46171>>)

A participação involuntária nesse tipo de gênero colaborativo objetiva tornar os atores sociais em protagonistas. Como um documentário expositivo, a narração forma-se

pelo conteúdo imagético. Nos Traços da Multidão busca-se por costumes, histórias e relatos, quando esses traços são encontrados a narrativa se constrói e expressa sem a necessidade de interferência dos realizadores.

Os vídeos recebidos através dos sites e tag totalizaram cerca de seis horas de material. O objetivo do projeto foi alcançado e as captações que compõe o documentário foram realizadas entre a meia noite e 23h59 do dia 11 de outubro. Os fragmentos produzidos pelos colaboradores proporcionaram as diversas visões e realidades pretendidas com documentários com interação ativa. A obra final possui imagens da cidade, a saída dos romeiros para a procissão ainda na madrugada do dia 11, registro de pessoas que estavam participando pela primeira vez da romaria, passagem da imagem de Nossa Senhora, artigos simbólicos do Círio, como aos “anjos”, fitas e o “arraial de Nazaré” e o almoço de família composto pelas comidas típicas do Estado que também é uma tradição desse dia.

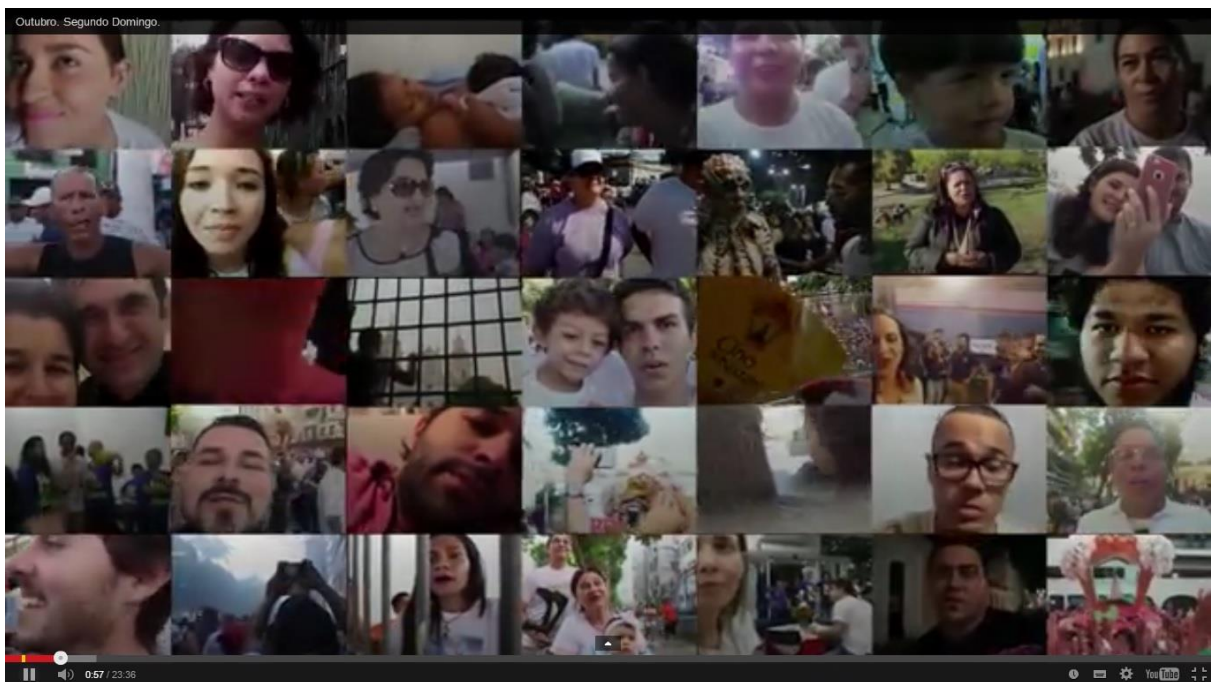


Figura 03: Mosaico com vídeos que compõe o documentário.

Considerações Finais

O processo de documentação é antigo e inicialmente algo onde era exigido a presença de uma grande equipe de produção responsável por montar e juntar todos os aparatos necessários para a finalização de um documentário. Porém novos recursos

surgiram com o passar dos anos, possibilitando uma maior facilidade no desenvolvimento de ideias. Interessante notar os impactos ocasionados por estas mudanças, não apenas a execução de projetos foi facilitada, mas a forma do fazer fílmico se reconstrói com o passar dos anos. Os mesmos aparatos possibilitam a reinvenção dos gêneros cinematográficos.

Nesse sentido, a internet traz em seu ambiente virtual as inúmeras possibilidades de interação sendo um campo multifacetado de produtores de conteúdo. Jenkins (2009) acredita que a convergência das novas tecnologias e a sociedade altera relações criando e extinguindo laços interpessoais. Por outro lado, a internet possibilita a existência de um espaço público conectado, lugar de interação, em que os indivíduos agrupam de forma objetiva e afetiva ligados pela linguagem espetacular num intenso processo de comunicação compartilhada.

Em meio a esse ambiente plural de relações e interações e com o conhecimento em constante mudança nota-se cada vez mais a interferência desses meios nas produções de documentários, facilitando a captura de imagens para a construção de sua narração e oferecendo a oportunidade a atores sociais de expressar suas opiniões, vontades e vivências usando a imagem como forma de narrativa e expressão.

Referências

CADÉ, Charles Henrique Brito. **Documentário Colaborativo: modos de produção no ciberespaço**. Dissertação de Mestrado. João Pessoa, Paraíba. 2014. Disponível em: <<http://tede.biblioteca.ufpb.br/bitstream/tede/4483/1/arquivototal.pdf>>

Cultura, Portal. **“Outubro. Segundo Domingo” foi lançado no Olympia**. Disponível em: <<http://www.portalcultura.com.br/node/46484>>

_____. **Documentário sobre o Círio reúne mais de 30 realizadores**. Disponível em: <<http://www.portalcultura.com.br/node/46405>>

_____. **Cultura lança “Círio.Doc”**. Disponível em: <<http://www.portalcultura.com.br/node/46171>>

_____. **Assista o doc “Outubro. Segundo Domingo”**. Disponível em: <<http://www.portalcultura.com.br/node/46507>>

DIÁRIO, Online. **Documentário colaborativo conta histórias do Círio**. Disponível em: <<http://mobi.diarioonline.com.br/entretenimento/cultura/noticia-352831-documentario-colaborativo-conta-historias-do-cirio.html>>

DINES, Alberto. **A eterna confusão entre público e privado**. 2003. Disponível em: <<http://observatoriodaimprensa.com.br/primeiras-edicoes/a-eterna-confuso-entre-pblico-e-estatal-2/>>

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao Documentário**. Campinas, SP: Papirus, 2005. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/0B7Mv-96kNvKgNDUyNDM1MDMtZGE2ZC00MjUxLThkYmQtY2FIYTA1MWUxZWU5/view>>

RAMOS, Fernão Pessoa. **O que é documentário?**. In Ramos, Fernão Pessoa e Catani, Afrânio (orgs.), Estudos de Cinema SOCINE 2000, Porto Alegre, Editora Sulina, 2001, pp. 192/207. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/pessoa-fernao-ramos-o-que-documentario.pdf>>

LEVIN, Tatiana. **O webdocumentário como um documentário feito de uma narrativa interativa, hipertextual e participativa**. In DOC On-line: Revista Digital de Cinema Documentário, ISSN-e 1646-477X, N°. 18, 2015, págs. 5-32. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5358957>>

VERGER, Pierre. **Fluxo e refluxo do tráfico de escravos entre o Golfo de Benin e a Bahia de todos os Santos**. 1987. Salvador: Currupio